

## MEMORIAL

### Teresa Cristófani Barreto

Minha vida profissional teve início por motivações pessoais, íntimas; por deliberada escolha. Cursava nesta Universidade o último ano de Letras, no qual me diplomaria em Português e Espanhol, quando se me abriu preciosa possibilidade: algumas de minhas professoras de Língua Espanhola finalmente inauguravam seu instituto de ensino do idioma, concebido ao longo de anos de experiência docente. Esperei o convite para um teste, fui aprovada, iniciei minha carreira de Professora de Espanhol. Na verdade, meu desígnio não era exatamente este, mas sabia que teria que industriar meu próprio trajeto, por mais oblíquo que fosse seu traçado. Decerto sabiam deste projeto meus professores de então. Na saída de uma aula do segundo ano da graduação, o professor Mario González perguntou-me, à queima-roupa e em público, quais eram minhas intenções naquele curso. Mais seca ainda, respondi-lhe, e estas foram minhas palavras textuais: “Dar aula de Literatura Hispano-Americana na USP.”

prelúdio  
pouco  
vivace

Dois anos depois daquela iniciação no ofício, durante os quais descobri o labor da tradução –apresentei-me para o concurso público de Tradutor Juramentado e fui nomeada neste cargo, entre outras atividades–, o mesmo professor que me havia inquirido naquele final de aula chamou-me para uma conversa.

O tom era sério. Disse-me que a Universidade de São Paulo acabava de perder um professor de Língua Espanhola e que, portanto, tal claro deveria ser preenchido. Informou-me que havia duas professoras cujos currículos eram superiores ao meu, mas que naquele momento não estavam disponíveis para a função. Confessou-me que o ambiente de trabalho não era tão bom quanto poderia fazer supor e que o salário era quase ínfimo. O contrato, precário –daqueles que podem ser cancelados a qualquer momento por decisão do contratante–, era da mais inferior das categorias: além de ser para início de carreira, já que eu era apenas

bacharel e licenciada, era no pior dos regimes de trabalho, turno parcial. Não havia qualquer perspectiva de melhora, já que um enorme contingente de docentes aguardava a extensão de seu regime para tempo integral sem que se soubessem exatamente quais eram os critérios utilizados para o favorecimento de um ou outro além, é claro, dos interesses pessoais de certos catedráticos. Aconselhou-me que pensasse no assunto.

Dei-lhe a resposta naquela mesma conversa e ganhei uma noite de insônia. Aos vinte e três anos, formada havia menos de um ano, eu seria docente da Universidade de São Paulo. Passaram-se meses até que finalmente fosse oficializada minha situação e, em agosto de 1979, vinte e quatro anos recém completados, recém formada, eu estava ensinando Língua Espanhola para o último ano de graduação, o que na prática significava dar aulas a meus ex-colegas de curso.

O professor Mario González tinha razão em todas as suas ponderações.

Dei as aulas que me cabiam de Língua Espanhola, auxiliada, nos primeiros tempos, pela generosidade da Professora Neide González; assim que foram abertas as inscrições apresentei-me à pós-graduação; continuei com todas as demais atribuições profissionais –uma vez que meu salário na Universidade equivalia ao de um vigia noturno–; pedi informações, sempre desconstruídas, a respeito do Tempo Integral, entidade misteriosa e pronunciada com receio<sup>1</sup>.

Findo meu primeiro contrato, fui informada de que sua prorrogação seria solicitada pelas instâncias competentes. Inexperiente, aguardei pela notificação da Reitoria. Um final de tarde recebo um telefonema no salão de cabeleireiro. Uma colega que se arvorava em assessora de nosso Catedrático conseguiu localizar-me para anunciar que ele me convocava para discutir assuntos de meu interesse. Ingênua, acreditei que fôssemos tratar da renovação do contrato. Atônita, descobri pouco depois que se armava uma teia onde conspiravam ex-professores –alguns amigos supostos– e na qual foram de embulho outros atônitos colegas.

A versão oficial: em nossa conversa, o Catedrático informou-me que a renovação de meu contrato seria discutida no dia seguinte, em reunião de área, à qual acudiriam todos os docentes. Quando respondi que conversaríamos, então, no outro dia, ele me disse: todos, menos você. Percebi, então, que não fora por acaso o bizarro telefonema ao salão de beleza. O tema, então, é o seguinte, Maria Teresa: como há

---

<sup>1</sup> Tempo integral é a forma corrente de referência ao Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa, RDIDP. Significa, na prática, a dedicação exclusiva do docente à Universidade, com 40 horas semanais de trabalho. Existem outros dois regimes na USP: RTC, Regime de Turno Completo, com 24 horas semanais de trabalho, e RTP, Regime de Tempo Parcial, com 12 horas.

mais professores de Língua Espanhola do que de Literatura Hispano-Americana; como seu contrato acaba de terminar; como os professores de Literatura Hispano-Americana estão com sobrecarga didática; como o Professor Jorge Schwartz anunciou sua intenção de desligar-se da Área, o que intensificará os problemas aí verificados – interrompi a fala do Catedrático e informei que, apesar de fazer pós-graduação em tal matéria, e que ministrar aulas aí era meu projeto, ainda não me sentia preparada para assumir a responsabilidade, principalmente porque naquela ocasião meu orientador, o mesmo Professor Dr. Jorge Schwartz, estava afastado por um semestre, pesquisando nos Estados Unidos. É verdade, Maria Teresa, você não me parece pronta ainda. Mas isto veremos no concurso de Literatura que logo vamos realizar: se você for a primeira colocada, o lugar é seu, assim como o contrato. Se não, ficamos com o primeiro colocado. Sei que você entende os motivos.

As informações foram-me chegando, bem além dessa pantomima, juntamente com a solidariedade de muitos. Outra reunião já havia sido realizada, em outro local que não a Universidade, na qual os dois mentores da maquinação apresentaram os meios e os fins a um grupo de professores que, julgaram eles, aceitariam a encenação proposta. Muitos dos presentes não se indignaram e penhoraram sua palavra. Outros, disseram-me, sentiram uma vergonha até então insuspeita. O nome do outro candidato a apresentar-se ao concurso foi declinado e aplaudido. Tudo acertado, então.

Quando teve início a outra, a reunião oficialmente convocada, a realizada na sala do curso, na data e no horário amplamente divulgados, foram seguidas todas as rubricas dos mentores. As falas sucederam-se como deveriam suceder-se; os motivos apresentaram-se como deveriam apresentar-se; o descrédito estava por fazer-se crer. Não se contava, no entanto, com qualquer resistência. Todas as falas, para espanto de muitos, foram taquigrafadas. Aí pude saber quem falou o quê em que ordem. Ex-professores que sempre alardearam minhas qualidades de aluna e, depois, de colega, queixavam-se de minha sempre lamentável performance intelectual. Uma ex-professora de literatura, mentora da farsa, chegou a pronunciar o adjetivo “mediocre”. Tudo dito, calados já todos, certos do dever cumprido, o mesmo Professor Mario González pediu a palavra. Disse o que tinha para dizer e aproveitou para brandir uma ficha, preenchida e assinada por todos os meus ex-professores, em que constavam todas as notas a mim atribuídas durante os anos de graduação. Quem me considerava mediocre não me concedeu nenhuma nota inferior a nove. O Catedrático inclusive.

Não houve contra-argumentos.

Houve, sim, choro de raiva, de um lado. De outro, imediata adequação à situação imposta: por decisão do Catedrático –dada a sobrecarga didática verificada em Literatura Hispano-Americana–, a disciplina acabava de receber uma nova docente, recém saída de Língua Espanhola. Naquele momento, e ainda sem o saber, por me encontrar longe desses últimos eventos, eu realizava, por razões alheias e oblíquas, meu desejo proferido.

Passado tudo, tentei aventar hipóteses que explicassem atitude tão pouco ética. Os amigos demoveram-me de qualquer suposição que alçasse meu nome a sujeito de qualquer proposição. No máximo, meu papel sintático nesse artifício era o de objeto. Indiretas, portanto, eram as razões: minha independência –ainda que intentada–, em posições em sua maioria contrárias às dos dois ex-professores; a explicitação, nem sempre conveniente, de negativas que dirigi ao Catedrático; a escolha do Orientador, antigo professor do curso Secundário que tinha lá seus ruídos com a mentora da impostura. Isso tudo fazia de mim um peão que entortava para o lado indesejado: bastava um peteleco para derrubá-lo e um comando de voz para substituí-lo.

Mas a gravidade do fato não residiu, absolutamente, em mera injustiça que se faria com uma jovem docente. Se consumada, a ardileza abriria um rasto de degolas, por toda a Universidade, justificadas por francas razões acadêmicas. Numa época em que os interesses estavam concentrados em poucas mãos que, apesar da reforma universitária, ainda cismavam em manter os antigos privilégios; que comerciavam os favores entre si; que negociavam as extensões de regimes de trabalho como se fossem prêmios outorgados; que exigiam cega submissão de alguns mais suscetíveis; que arrancavam as folhas que não lhes agradavam do livro de atas do Conselho Departamental, fazer as desejadas substituições dos quadros, com uma justificativa funcional, era não ter que se expor aos sempre incômodos desgastes perante a comunidade acadêmica. Devidamente acautelada, nossa então Associação de Docentes abriu espaço na primeira página de sua publicação para eventualmente denunciar a manobra, se bem sucedida.

Narrar essa peça de indignidade acabada significa, para mim, genuíno “ensaio de restituição”, para aproveitar um dos belos títulos de Octavio Paz. É verdade que no primeiro momento importante de minha vida acadêmica, a defesa do Mestrado, ela foi mencionada, embora sem todos os lances dramáticos, por meu Orientador –figura fisicamente ausente da trama, naquela remota época que desconhecia fax e correio eletrônico e que o obrigou a empenhar boa parte de sua bolsa de pesquisa em longos telefonemas internacionais nos quais discutíamos o desenrolar dos fatos e as estratégias a serem seguidas. Mas esta é a primeira oportunidade acadêmica que tenho, eu mesma, de relatá-la, e o faço por dois principais motivos: mostrá-la como peça arqueológica, verdadeira aula da história de iniquidades que vivemos os mais antigos desta Universidade, e outorgar-lhe seu lugar fundamental de ponto de partida de uma carreira cujo engajamento institucional é minha forma de resposta agradecida a todos quantos assumiram sérios riscos ao avaliar minha permanência na Universidade de São Paulo.

restitui-  
ção

Assinei meu primeiro contrato com a Universidade de São Paulo, pelo período de três anos, em outubro de 1979. Ter nas mãos aquele pequeno contracheque de letras vermelhas custou-me verdadeira peregrinação pelas muitas salas mal iluminadas da Reitoria. Nelas os processos costumavam descansar, para uma conferência ou um carimbo mais, sob a ruma dos recém-chegados que, sem cerimônia, se aboletavam sobre calhamaços mais pacientes. Com regularidade tratava eu mesma de localizar, entre corredores, gabinetes, mesas e pilhas, meu processo de contratação para apressurá-lo à estação seguinte. Esse noviciado foi minha propedêutica aos meandros pouco ventilados da Universidade. Os colegas sucediam-se em sua benevolência alvissareira brindando-me sempre uma revelação mais, uma direção, uma pequena iluminação desses subterrâneos. Mas a bússola com o norte devidamente regulado ainda sofre seus ajustes, mesmo passados estes dezenove anos de trabalho.

o  
primeiro  
contrato

No início do semestre seguinte eu já me apresentaria à pós-graduação. A escolha do Orientador estava assentada, de minha parte, havia anos. Sabia que o Professor Jorge Schwartz apreciava meu trabalho. Restava saber quando ele concluiria seu Doutorado. Na verdade, estaríamos apenas oficializando uma prática que exercitávamos desde os anos de graduação. Eu o procurava, nos plantões, para me alumiar não apenas em sua disciplina, mas nos muitos enredos literários que visitava. Ele me recomendava leituras, falava de sua pesquisa, discutíamos textos. Mas principalmente exercia sua verve crítica, que era o que mais me granjeava, antes mesmo desse tempo universitário. Jorge Schwartz foi meu pouco ortodoxo professor de Inglês no Curso Secundário.

a  
escolha  
do  
Orientador

Digo isso porque, irritado sempre com as estripulias de seus alunos do Colégio Objetivo, costumava brindar-nos com textos para traduzirmos, invariavelmente sem dicionários. Por exemplo, fragmentos do *Finnegans Wake*. Com isso conseguia nada mais que a bulha se reduzisse aos decibéis de ligeiro zumbido – pelo menos é o que faz crer, quando diz que se sentia verdadeira “máquina de ensinar”, mera alavanca de dramática experiência que pretendia “transformar o cérebro dos alunos nos quadradinhos de múltipla escolha”. Ao contrário, eu via ali deliberada provocação: obrigava-nos a empregar quase toda a aula para chegar no máximo a um desmancho, arremedo longínquo e mal formado dos escritos de Joyce. Nos minutos finais, quando procurávamos mostrar ao Professor o que fizéramos, ele se encaminhava para a lousa. Cotejem a sua com a tradução do Haroldo, que eu vou colocar no quadro. Depois, limpava a mão da poeira branca e saía, até a próxima aula. Nesse intervalo as volutas de meu cérebro passavam ao largo dos ângulos

retos, tão caros a tantos outros, graças à incitação e à intensa ironia desse Professor, que às vezes linda com o sarcasmo.

(Com exceção dos fragmentos oferecidos à imolação a pretexto de tradução, não li uma página sequer do *Finnegans Wake*.)

O ainda Mestre Jorge Schwartz aceitou-me como orientanda, mas apenas de fato. O direito caberia ao –convenço-me de que, se houvesse algum problema a ser enfrentado, ninguém melhor que o Catedrático do Curso para defender sua própria orientanda.

Assim, entre meu ingresso no Mestrado e o credenciamento de meu Orientador –faltava-lhe, naquele então, concluir a tese, defendê-la, credenciar-se para oferecer curso na pós-graduação, ministrá-lo, para só então solicitar o credenciamento para a orientação e, aí sim, oficializar minha existência em seu prontuário– fui formalmente orientada por outro docente da área. Mas fazia questão de deixar claro que nossa vinculação era meramente nominal. Não queria ser influenciada por sua retórica necrológica. A escolha do Orientador perdurou até a defesa do Doutorado, quando deixei, no entender da Academia, de necessitar de sua tutoria. Mantemos a amizade e projetos comuns. Ele calou em mim, principalmente, o bom exemplo de orientação que, sei, herdou do grande Mestre Antonio Candido, por quem tive a honra de ser considerada “neta” intelectual.

Era, desde esse início de carreira, gentilmente convidada a participar de reuniões, discussões, assembléias, em que me mantinha como mera observadora –os olhos quase arregalados–, e para as quais decidi levar uma cadernetinha que recheei em pouco tempo com siglas e expressões desconhecidas. Depois, era pegar algum infeliz que as decifrasse e tentar memorizá-las. Soube, em uma dessas séries de reuniões sempre palpitantes realizadas em 1980, que havia grande contingente de colegas, com longa carreira na USP, que havia anos expressaram o desejo de alterar seu regime de trabalho para a dedicação integral à Universidade. Outros, porém, com não tanto tempo, eram agraciados com o RDIDP pelos catedráticos, em evidente favorecimento. Estávamos ali reunidos justamente para tentar estabelecer critérios de prioridades que culminassem na elaboração de uma lista única, de toda a Universidade, que assegurasse a cada candidato ao RDIDP a possibilidade de monitorar sua situação. Depois de quatro anos, finalmente, foi formada uma comissão, com representantes de todas as Unidades, cujo objetivo era forçar a Reitoria a aceitar os tais critérios estabelecidos. Fui indicada uma das representantes do Departamento de Letras Modernas. Sucessivos contatos com todos os setores da imprensa e poucos meses de atividades foram suficientes para a comissão ver seus objetivos alcançados. Mais ainda, a Reitoria passou a conceder, em

primei-  
ras  
atua-  
ções  
institu-  
cionais

série, as extensões de regime que estavam emperradas, de modo a zerar as esperas. A partir de então —e prática mantida até o presente—, a aprovação do pedido gerava a automática concessão do RDIDP.

Nesses primeiros tempos de aproximação com a instituição, percebia que os limites de minhas petições freqüentemente esbarravam em razões opacas mussitadas pelo Catedrático. Conhecia os nomes dos colegas que solicitavam o RDIDP. Mas percebia que eu mesma não poderia fazê-lo. No entanto, não saberia catalogar os porquês de meu impedimento. Assim, exatos doze meses depois de minha contratação, em outubro de 1980 satisfiz-me em solicitar a extensão de meu regime de trabalho, em Tempo Parcial (embora minha dedicação à Universidade fosse muito mais intensa que as doze horas pelas quais recebia<sup>2</sup>), para Turno Completo. Para tanto, apresentei um tímido projeto de pesquisa, afinado com uma de minhas atividades paralelas, a tradução juramentada: elaboraria, de maneira sistemática, o glossário Português–Espanhol/Espanhol–Português de termos do Direito Civil que já vinha montando, por força do ofício. A aprovação da solicitação e do projeto pelo Conselho Departamental não era, no entanto, garantia de nada. Seria necessária a espera daqueles quase quatro anos, acompanhada de uma luta intensa, para ver alterados meus rendimentos mensais e, mais importante, ver meu trabalho, cada vez mais vigoroso na Universidade, reconhecido por ela.

Tendo conquistado mais e mais segurança nas matérias da Universidade de São Paulo, com o contrato devidamente renovado por mais três anos já em andamento e eleita representante de categoria no difícil Conselho Departamental<sup>3</sup> solicitei, em março de 1983, nova alteração de regime de trabalho: não mais para Turno Completo, mas para RDIDP, aproveitando o mesmo projeto de pesquisa já apresentado. Na realidade, meu projeto real, em lento andamento na pós-graduação por força de meus reduzidos proventos<sup>4</sup>, era o estudo da obra de Sor Juana Inés de la Cruz, eventual tema da Dissertação de Mestrado. Como sabia que haveria um hiato considerável entre o pedido e a concessão do RDIDP, quando seria chamada para ratificar ou substituir o projeto

o  
Tempo  
Integral

o novo  
regime  
de  
trabalho

<sup>2</sup> Apenas para dar uma idéia das obrigações que se me impunham, além das aulas e do atendimento de alunos, cito a aplicação e correção de exame de proficiência em Língua Espanhola para alunos da pós-graduação, em 1981, responsabilidade que cabe ao Coordenador de Pós-Graduação.

<sup>3</sup> Em 1980 os docentes escolhiam, pela primeira vez, seus representantes de categoria junto ao Conselho Departamental. Classifico-o de “difícil”, nesse momento, apenas por eufemismo. Não raro seus membros mais atuantes adoeceram, vitimados principalmente de úlceras nervosas. Fui eleita representante de categoria, pela primeira vez, em 1983. A partir deste ano, até o presente deixei de apresentar candidatura para a função apenas no biênio 1987-1988, sendo que fui eleita sempre que o fiz. Assim, representei a categoria dos Auxiliares de Ensino, dos Mestres e atualmente a dos Doutores.

<sup>4</sup> Ao docente que faz pós-graduação na mesma Universidade em que é contratado é vedado receber, de qualquer que seja a agência de fomento, bolsa de pesquisa.



apresentado, não me preocupei em atualizá-lo de acordo com minhas atividades de então. O novo andamento, porém, que a Reitoria acabou impondo à questão, graças à intensidade da pressão sofrida, atropelou meu ritmo de adágio.

Assim me vi, num 12 de julho de 1984, graças ao telefonema em caráter de urgência urgentíssima de meu Orientador –que soube seriam finalmente concedidos os tais RDIDPs, o meu inclusive–, redigindo, às pressas, em verdadeiro alegro, um projeto de pesquisa que me livrasse das amarras civis do glossário mentado em outro tempo e me liberasse de toda a faina que excedesse os limites acadêmicos. Com ajuda sua, inclusive material –foi ele quem datilografou, em sua máquina de escrever elétrica, com autocorretivo, maravilha da época–, pude conceber, sem o necessário tempo, novo projeto de pesquisa para poder, até que enfim, receber salário menos indecoroso da Universidade.<sup>5</sup>

No entanto, a pesquisa sobre Sor Juana não estava ainda madura o bastante para ser objeto de explanação, como requeria o plano. O jeito, apontou-me o Professor Jorge, tão aflito quanto eu, é lançar mão da tal monografia de pós-graduação que você reelaborou para apresentar nesta SBPC<sup>6</sup> e desenvolver um projeto a partir daí. Não era uma grande solução, sabíamos ambos, mas seria um bom remate para minhas tribulações. Esboçado o plano, alterado aqui e ali pelo Orientador, datilografado às pressas, pronto o ofício de encaminhamento a ser assinado pelo Chefe do Departamento, assinada minha carta de compromisso de que não mais me ocuparia de qualquer atividade remunerada estranha à Universidade, ainda tínhamos que correr ao campus, conseguir a assinatura –*ad referendum* do Conselho Departamental– do Chefe e chegar a tempo na Reitoria, para entregar pessoalmente, até o final daquela mesma tarde, a papelada na Comissão Especial de Regime de Trabalho.

Em setembro de 1984 eu recebia um salário seis vezes superior ao referente ao mês de agosto.

A partir do novo salário, dediquei-me ao projeto de pesquisa prometido. O estudo da novela de Paulo de Carvalho-Neto, *Mi tío Atahualpa*, sob o prisma da picaresca, repentinamente era meu novo tema da Dissertação de Mestrado. Sor Juana teria que aguardar por um novo tempo em minhas atividades acadêmicas.

Mestra-  
do: *Mi*  
*tío*  
*Atahual*  
*-pa*

<sup>5</sup> Um auxiliar de ensino contratado em RTP recebe, hoje, R\$ 245,17 mensais; se contratado em RDIDP, R\$ 1.414,41.

<sup>6</sup> Em 1982 apresentei para o curso de pós-graduação ministrado pelo Prof. Dr. Mario González, “A presença do pícaro: do Lazarillo ao Macunaíma”, um trabalho monográfico que se converteu em comunicação na 36ª SBPC (julho de 1984), intitulada “*Meu tío Atahualpa* – uma leitura à luz da picaresca”.

A escolha do novo tema, embora tão acelerada, não poderia ser outra, sabíamos muito bem. Mas era matéria bastante conhecida, que ainda conseguia me estimular. Enfrentaria, é certo, o sério risco para o qual vários colegas alertavam: Você acredita que o livro sustente uma dissertação?, perguntou-me, cético, o Professor Davi Arrigucci. Tive, portanto, desafios maiores do que a própria elaboração de uma Dissertação de Mestrado. Primeiro, levá-la a cabo significava a manutenção de meu novo regime na Universidade. Significava, portanto, manter um projeto maior, de opção incondicional pela instituição. Segundo, teria aí a mais-que-rigorosa tarefa intelectual de mostrar que o tal livro tinha, sim, atributos literários que lhe permitissem agüentar o tranco acadêmico. Em outras palavras, justificar minha escolha não tão feliz. E, para tanto, não só minhas qualidades de debatedora de um texto literário, mas de pesquisadora que se debruçava sobre questões maiores de gênero –o romance frente à novela, e todas as implicações históricas da discussão; a gênese do romance moderno; a paródia e a carnavalização (estávamos, afinal, nos anos 80),– bem como da própria concepção da crítica, estavam em jogo.

A tranqüilidade intelectual finalmente alcançada era tamanha que, nesse mesmo ano de 1984, realizei meu exame de qualificação, sendo aprovada com o conceito máximo. Aproveitei o calor da excitação e participei do Primeiro Encontro de Professores de Espanhol<sup>7</sup>, com a comunicação “*Mi tío Atahualpa y la práctica de la transgresión*”. Escrevi também um pequeno artigo, “*Meu tio Atahualpa: da sacanagem à revolução*”, para um boletim do Programa de Pós-Graduação em Espanhol do qual jamais tive notícia.

Em dezembro de 1987 eu finalmente defendia minha Dissertação de Mestrado. É verdade que trabalhei com um livro menor. Mas tinha claro que estava, na realidade, exercitando-me na tarefa da reflexão mais extensa e profunda e, principalmente, no toureio da escritura. Reescrevi várias vezes as duzentas e poucas páginas de “*Mi tío Atahualpa: a sagração do herói na Terra do Carnaval*”, a lápis e borracha durante a tarde; na manhã seguinte, datilografava as páginas deixadas na véspera. Muito mais importante que a nota dez com distinção foram alguns comentários conquistados: do Orientador, admirado do leite que me viu tirar das pedras; e de um dos argüidores, o Professor Dr. João Alexandre Barbosa: “Quando comecei a ler seu trabalho achei seu texto muito desabusado, minha cara Maria Teresa. Sempre que a encontrava pelos corredores a senhora me parecia uma moça muito respeitosa. Bom dia,

a  
escritu-  
ra  
conquis-  
-tada

<sup>7</sup> Realizado nos dias 6, 7 e 8 de dezembro pela Associação de Professores de Espanhol do Estado de São Paulo, entidade da qual fui vice-presidente.

Professor, era como a senhora dizia, baixando um pouco a cabeça. Confesso que fiquei um pouco assustado com o que lia. Mas me dei conta de que a senhora conseguiu, e muito bem, realizar o isomorfismo, conforme o preconizado por Barthes. A senhora não poderia escrever de outra maneira uma crítica sobre um livro tão desabusado. A senhora escreve muito bem, minha cara Maria Teresa”.

Naquele dia comecei minha aproximação com esse intelectual a quem sempre admirei, desde os tempos da graduação, e que nunca foi meu professor. O tom formal entre nós foi adquirindo o de camaradagem; seu espanto se fez confiança –indicou meu nome, em 1996, para integrar o júri na categoria texto de uma de suas mais caras realizações quando Pró-Reitor de Cultura e Extensão, o Projeto Nascente; prefaciou meu livro *A libélula, a pitonisa – Revolução, homossexualismo e literatura em Virgilio Piñera*<sup>8</sup>; hoje trocamos textos e impressões recíprocas.

Dias antes da defesa, prevendo já o que colegas descreviam como um grande vazio intelectual só preenchido com o vislumbre de novo projeto, recebi um telefonema de meu Orientador, em casa, enquanto preparava o jantar. Ele insistiu para falar comigo, apesar de minha quase impossibilidade por não tão prosaicas razões culinárias. Desculpou-se pela insistência e, rápido, disse-me que estava na festa de inauguração de uma nova editora cujo objetivo era publicar autores fundamentais mas desconhecidos do público brasileiro, eles estão pensando em fazer um livro da Sor Juana, estou consultando você, etc. Cerca de quinze dias depois eu já estava industriando o livro que faria sobre meu abortado tema do Mestrado. Foi quase um ano de trabalho que resultou em *Letras sobre o espelho – sor Juana Inés de la Cruz*,<sup>9</sup> primeiro livro com textos da autora a ser publicado no país.

A princípio concebido como uma pequena antologia da poesia de Sor Juana, aberto com uma apresentação crítica da autora, o volume ganhou edição bilíngüe, em espelho, de todos os poemas; brindou a tradução integral de “Primeiro Sonho”; trouxe a importantíssima “Resposta a Sor Filotea” e, finalmente, a “Carta de Sor Filotea”, além de uma cronologia. O maior problema afigurado foi quem convidar para traduzir a poesia, já que essa é uma limitação minha. Haroldo de Campos entusiasmou-se com a idéia, mas já estava comprometido com a tradução da *Bíblia*. Uma orientanda sua, Vera Mascarenhas de Campos,

o  
primeiro  
livro:  
Sor  
Juana

<sup>8</sup> *A libélula, a pitonisa – Revolução, homossexualismo e literatura em Virgilio Piñera*. São Paulo, FAPESP/Iluminuras, 1996. “Apresentação” de João Alexandre Barbosa. Seu texto foi publicado, na íntegra, no Suplemento *Caderno 2* do jornal O Estado de São Paulo, sob o título “Uma escrita entre a crítica e a ficção” em 3/ago/1996, p. D11.

<sup>9</sup> *Letras sobre o espelho - sor Juana Inés de la Cruz*. São Paulo, Iluminuras, 1989. Organização, seleção, cronologia, ensaio introdutório e tradução dos textos em prosa de Sor Juana por Teresa Cristófani Barreto. Tradução dos poemas e posfácio de Vera Mascarenhas de Campos.

assumiu com brilho a tarefa. Uma das críticas tratou a edição de “primorosa”.<sup>10</sup>

A preparação do livro, durante todo o ano de 1988 –quando me matriculei no Doutorado, sob a orientação do mesmo Professor Dr. Jorge Schwartz, e ainda sem tema de pesquisa definido–, coincidiu com nova responsabilidade acadêmica que assumi, apesar do protesto daquela colega que havia urdido a tal trama quase dez anos antes. O Departamento de Letras Modernas havia passado por séria reestruturação, graças à coragem de sua então Chefe, Professora Dra. Leyla Perrone-Moisés, à aposentadoria de todos os catedráticos e à conseqüente oxigenação de seu funcionamento. Históricas mudanças estruturais estavam finalmente assentadas: as decisões eram tomadas não mais apenas pelo Conselho Departamental, em reuniões fechadas, mas pela totalidade dos docentes, em reuniões plenárias. As cinco áreas didáticas não eram mais geridas pelos chefetes finalmente afastados, os catedráticos, mas administradas por docentes eleitos pelos colegas. Não havia qualquer necessidade de titulação para a função, que já não implicava, de fato, qualquer forma de poder. A única exigência é que cada disciplina que compunha a área –no caso de Espanhol, Língua Espanhola, Literatura Espanhola e Literatura Hispano-Americana– elegeisse seu responsável e que, entre estes três responsáveis, fosse eleito o coordenador da área.<sup>11</sup>

Até então a função de coordenador da Área de Espanhol havia sido sempre desempenhada por algum Livre-Docente ou então Doutor. Pela primeira vez, os colegas decidiram que um Mestre assumiria a responsabilidade, movidos por uma série de fatores: de um lado, o

Coorde  
-nação  
de área

<sup>10</sup>O livro teve várias resenhas na grande imprensa e chegou a repercutir em área menos ortodoxa com o trato literário: na coluna dedicada a astronomia e astronáutica do *Jornal do Brasil*, Ronaldo Rogério de Freitas Mourão publicou “Sor Juana e a Astronomia” (in *Jornal do Brasil*, 26/jun/1989, 1<sup>o</sup> caderno, p. 11), instigado pela então recente publicação do volume, diretamente referido. São as seguintes as resenhas publicadas:

– DUARTE, Júlio Carlos – “Poemas do claustro” in Revista *Leia*. São Paulo, jun/1989, p. 47.

– F. COUTINHO, Eduardo – “O direito à palavra”, in suplemento *Idéias do Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 10/jun/1989, p. 10.

– FERREIRA DA SILVA, Dora – “A palavra armada contra a noite” in *Jornal da Tarde*. São Paulo, 20/mai/1989, p. 9.

– LOBO, Júlio César – “A poesia barroca de Sor Juana Inés de la Cruz” in suplemento *Caderno 2* do jornal *A Tarde*. Salvador, 23/out/1989, p. 1.

– RIBEIRO, Gilvan P. – “Sobre mulheres e reflexos” in *Tribuna da Tarde*. Juiz de Fora, 17 de fevereiro de 1990, p. 4.

– O livro motivou ainda a realização de uma entrevista minha, por Júlio Carlos Duarte – “Sobre a poesia de Sor Juana Inés de la Cruz”, publicada no suplemento *Caderno 2* de O Estado de São Paulo, 3/jun/1989, p. 4, com chamada na primeira página do jornal: “Sor Juana em sua mais fiel tradução”. Fui ainda entrevistada por Marcelo Bittencourt no Programa “Vamos ler especial”, na Rádio USP FM, levado ao ar duas vezes em maio/1989 e duas vezes em dez/1989.

<sup>11</sup> Fui responsável, titular e suplente, pela disciplina Literatura Hispano-Americana em 1985, 1988, 1989, 1991, 1993, 1994, 1995, 1996 e 1998.

excesso de atividades dos mais titulados; a premência da conclusão de teses ou dissertações de outro; meu relativo desafogo no momento além de, no ano anterior, eu ter feito parte de uma recém criada Comissão Administrativa, a convite da Chefia do Departamento<sup>12</sup>, bem como minha experiência ao longo de anos como representante de categoria junto ao Conselho. Embora a atividade não me seduzisse diretamente, tomei-a como responsabilidade inerente ao papel de um docente com dedicação integral à Universidade. Fui eleita em reunião de área e, ao sair do recinto ainda pude ouvir, de longe, o comentário daquela que protestava, com a voz acima do tom recomendado: “Nossa área necessita de alguém à altura”. Desnecessário dizer que a vociferação foi respondida com risos dos colegas, que invocavam minha estatura física.

Foi um ano enriquecedor, não há dúvidas. Principalmente quanto ao aspecto político. Tive que gerir sérias dificuldades, mas tratei de fazê-lo sempre com serenidade e elegância, por mais envolvida que estivesse em alguns dos problemas. Quando finalmente minha gestão expirou, tive o gosto de ouvir, daquela mesma colega que se opusera à minha eleição: Você se saiu muito bem, Teresa Cristófani. Outros colegas foram mais efusivos nos parabéns.<sup>13</sup>

Refeitas as contas, minha primeira experiência mais intensa no trato acadêmico-administrativo coincidia com a primeira experiência editorial, bem como com o ingresso no Doutorado. Foi nesse momento divisor de águas –eu finalmente perdera boa parte de minha ingenuidade– que, por sugestão do editor da *Iluminuras*, Samuel León, alterei minha assinatura, agora que teria o nome estampado em capa de livro. Foi quando passei a assinar Teresa Cristófani Barreto, em lugar do demorado Maria Teresa Cristófani de Souza Barreto.

Entregava os originais de *Letras sobre o espelho* e deixei a editora com nova firma e, mais ainda, nova proposta: Você não quer traduzir os *Cuentos fríos*, do Virgilio Piñera, para nós?

Conhecia alguns poucos contos do autor e nunca me havia defrontado com tradução de texto ficcional. Achei prudente traduzir um ou dois contos, para apreciação da editora. Só depois conversaríamos sobre a proposta. Levava debaixo do braço a única –e belíssima– edição do livro, jóia rara do editor. Abri-a já longe, acompanhada de um café forte; li

Virgilio  
Piñera

<sup>12</sup> Fui membro dessa comissão, logo desativada, em 1987 e 1991. Participei, ainda, da Comissão Interna de Graduação, de 1993 a 1996, ininterruptamente; bem como de outras, de vida breve: Comissão Financeira: 1990 a 1996, ininterruptamente; e Comissão de Elaboração dos Estatutos do Departamento, 1991 a 1994, também ininterruptamente. No momento, participo da Comissão Técnico-Administrativa (CTA), de 1995 a 1998, ininterruptamente; da Congregação da FFLCH, de 1995 a 1998, ininterruptamente, e fui indicada pelo Diretor da Faculdade para compor a Comissão de Sistematização dos Estatutos dos Departamentos da FFLCH.

<sup>13</sup> Voltei a desempenhar a função em 1998 e, na qualidade de suplente, em 1991, 1993 e 1997.

alguns contos como se levasse um safanão; decidi ali mesmo que eles passariam por meu olhar e pelo meu braço.

Assim, em 1989 eu estava com dois livros sendo lançados: em maio, o de Sor Juana; em novembro, o de Piñera, com prefácio especialmente escrito por José Rodríguez Feo<sup>14</sup>. O primeiro me reconciliava com um tema de pesquisa retrasado. O segundo provocou de maneira considerável a crítica, acostuada aos cubanos de sempre (houve comentários até mesmo na Revista *Playboy*<sup>15</sup>). Mas principalmente me brindava novos anos de trabalho, a começar pela Tese de Doutorado.

Dei início à nova pesquisa com apenas dois livros de contos do autor: um, o que traduzira; outro, que compilava quase todos os contos do primeiro, aos quais acrescentava outros mais. Tinha em mãos também dois textos críticos sobre o autor, o prefácio deste segundo volume e o de Rodríguez Feo. Era tudo. Urgia, portanto, realizar uma viagem de pesquisa ao Exterior, como meu Orientador sempre insistira. Ironicamente, sabia que se fosse a Cuba não teria acesso a todo o acervo de que carecia, bem como me seria impossível fazer as fotocópias necessárias para trabalhar, de volta a São Paulo. Ele mostrou-me, então, que o ideal seria ir aos Estados Unidos –onde tem seus contatos–, principalmente à Biblioteca do Congresso e à Universidade de Maryland, instituições que distam trinta minutos, de automóvel, uma da outra. Além disso, havia já na época um convênio firmado entre essa Universidade e a USP, embora ainda inativo.

No início de 1990 eu dava início a gestões que me permitissem usufruir do até então entorpecido convênio. Teria que encontrar um

Wash-  
ington  
D.C.

<sup>14</sup> PIÑERA, Virgilio – *Contos Frios seguidos de outros contos*. Tradução de TCB. Introdução de José Rodríguez Feo. Posfácio de TCB. São Paulo, Iluminuras, 1989. A seleção dos “outros contos” também foi minha responsabilidade.

<sup>15</sup> SANCHES, Eliana – “Ficção à cubana” in Revista *Playboy* ano 15, n.9, p. 168.

Menciono ainda outras resenhas, em publicações menos ecléticas:

– A.M.C. – “Angústia em pequenas doses. Em *Contos Frios*, de Piñera” in *Jornal da Tarde*. São Paulo, 20/out/1989.

– ANTELO, Raúl – “Prosa e poesia formam um épico da desilusão” in Suplemento *Letras* do jornal *Folha de São Paulo*, 6/jan/1990, p. F-3.

– COUTINHO, Eduardo F. – “Falácias da lógica” in suplemento *Idéias* do *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 20/jan/1990, p. 11.

– LEMBO, José Antonio – “O criativo universo de um cubano” in *Jornal da Tarde*. São Paulo, 13/jan/1990.

– SADER, Emir – “Irônicos pesadelos” in Revista *IstoÉ/Senhor*, n. 1048, pp. 106-108.

– SANTOS, Hamilton – “Contos frios para noite de verão” in Suplemento *Caderno 2* do jornal *O Estado de São Paulo*, 19/out/1989, p. 6.

– “Estante Atualizada” in Revista *Veja* ano 22, n. 43, p. 126.

– O volume foi ainda destacado pela *Folha de São Paulo* na seção “Indicações” nos meses de outubro e novembro de 1989, bem como motivou a realização de um programa em que fui entrevistada, Programa “Vamos ler especial”, de Marcelo Bittencourt, na Rádio USP FM, levado ao ar duas vezes em fev/1990.

docente daquela instituição que desejasse vir à nossa Universidade para realizar pesquisa. Desde que aprovado o intercâmbio por todas as instâncias envolvidas, a universidade de origem pagaria o transporte e a universidade visitada arcaria com a hospedagem, de ambos os lados. Nesse início de ano o Professor Dr. Saúl Sosnowski, Chefe do Departamento de Português e Espanhol daquela Universidade, diretor do Centro de Estudos Latino-Americanos e editor da revista *Hispanamérica*, deu uma palestra no Instituto de Estudos Avançados. Aproveitei a ocasião para perguntar-lhe se não sabia de alguém de sua Universidade que quisesse pesquisar na USP. E ele: Sim, eu.

Em julho eu embarcava para uma estada de um mês na Universidade de Maryland. Foram trinta dias intensos, divididos entre a pesquisa nas bibliotecas da Universidade –onde ganhei uma sala, com telefone e computador–; do Congresso, onde me esperava um gabinete, onde vislumbrei –tamanho era meu encantamento– uma pilha de livros com meu nome, e na interditada Biblioteca do Programa Rádio Martí, produzido pela Voz da América, onde consegui, graças a muitos telefonemas e demoradas explicações, que aceitassem a presença não prevista de uma investigadora. Além disso, tive ainda oportunidade de desenvolver alguma atividade administrativa –remunerada, para minha surpresa–, incumbida que fui pelo Reitor de apresentar à Pró-Reitora da UM o funcionamento da graduação de nossa Universidade, a fim de dar-lhe subsídios para preparar sua iminente visita à USP.

Passados dois anos tive que repetir a diligência, já que ainda me faltava material bibliográfico, apesar dos duzentos e setenta e nove textos que consegui trazer para São Paulo, somados os livros completos e os capítulos e artigos reproduzidos. E nas duas outras ocasiões em que retornei a Washington, tive o privilégio de ser convidada, pelos mesmos membros da Divisão Hispânica que me receberam em 1990 e 1992, a dar conferências sobre o tema pesquisado aí.<sup>16</sup>

Em abril de 1993 defenderia minha Tese de Doutorado, “O dito interdito de Virgilio Piñera”. Sabia que não seria fácil submeter o trabalho a todas as formalidades inerentes à circunstância. Isso porque me arrisquei –a contragosto de meu Orientador que, no entanto, não fez qualquer imposição formal a respeito– a levar a cabo um projeto que teve seu embrião, ainda acanhado, percebido na defesa da Dissertação de Mestrado: privilegiar a escritura, de modo a fazer do ensaio um gênero

o  
doutora  
-mento

<sup>16</sup> “Los cuentos fríos del escritor cubano Virgilio Piñera”, conferência proferida em 16/fev/1995 e “Cuba en 1942 y en 1996: un testimonio de viaje”, em 22/jan/1997. Ambos os textos foram depois publicados em revistas com arbitragem (respectivamente, Revista *Hispanamérica* XXIV, nº 71, ago/1995, pp. 23-33 e Revista USP nº 38, jun/jul/ago/1998, pp. 105-113; tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro).

que excedesse seus próprios limites. Decidira exacerbar a prática do isomorfismo.

Uma vez que trabalhava com a noção da excentricidade, atribuída a um autor que, acredito, tratava de reagir ao cânone barroquizante encarnado em Lezama Lima –em cuja literatura Piñera via um grande fantasma– através da criação de um estilo que nomeei, à falta de termo melhor, de antibarroco, não poderia fazê-lo em um texto canônico, na melhor tradição acadêmica. Isso me permitiu mostrar, nas entrelinhas, que o desejo de Piñera, de eludir de seu estilo todas as reverberações gongóricas, fez com que caísse em verdadeira armadilha, de natureza tão barroca quanto o objeto de sua aversão. Ao eludir de seu estilo os barroquismos lezamianos, acabava por aludir a eles. Paralelamente, dei a meu texto –que tratava, então, desse autor antibarroco– qualidades próprias do neobarroco, de modo a demonstrar, sem o dizer, e sem aludir a Lezama –poderia ter realizado uma tese em literatura comparada– que o estilo deste permanece latejante, por mais que explicitamente esquivado.

Um provável membro da banca, que afinal não pôde estar presente por ter assumido outros compromissos, chegou a afirmar, lidas duas ou três páginas do trabalho, que aquilo não era uma tese. Outros dois membros, no entanto, eu sabia que não rechaçariam minha empresa: os Professores Doutores Antonio Dimas e, novamente, João Alexandre Barbosa. Eles haviam composto a banca do exame de qualificação e, além de atribuir-me conceito A, instigaram-me a dar continuidade ao plano, então já concretizado em três capítulos.

A defesa foi árdua, mas meu intento chegava a termo. Foi também extremamente proveitosa. De um lado, escutei do Professor João Alexandre que minha tese trabalhava a “forma como ensaio”, invertendo a tradicional proposição de Adorno. De outro, fui provocada pelo Professor Dimas a escrever a biografia literária do escritor cubano Virgilio Piñera. Uma vez mais, concluía um longo período de dedicação a um projeto com novas perspectivas em mente.

O reconhecimento de meu trabalho teve ainda duas paragens externas à Universidade. A primeira, exarada sob forma de parecer da FAPESP –entidade à qual recorri a fim de tentar apoio financeiro para publicação–, que dizia: “estamos no centro de um universo mítico, onde se movem protagonista e antagonista, como num bom romance”. O gênero ficcional foi reiterado no parágrafo seguinte, suprimido o termo de comparação. O livro saiu, como já mencionei, em co-edição FAPESP/Editora Iluminuras, em 1996, com introdução do Professor João Alexandre Barbosa e solapas do Professor Antonio Dimas. A segunda estância se deu em Cuba, onde meu texto foi finalista no Prêmio Casa de

reper-  
cussão



las Américas 1996, categoria “ensaio de tema artístico-literário” em língua portuguesa.

A defesa do Doutorado marcou, como é praxe, meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Literaturas Espanhola e Hispano-Americana, na qualidade de docente. De acordo com as normas de nossa Faculdade, fui primeiro credenciada para oferecer curso e, em seguida, para orientar em nível de Mestrado. O fato de ser doutora permitiu-me também orientar pesquisas em Iniciação Científica, bem como supervisionar alunos bolsistas do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE). Assim, já ofereci o curso “O antibarroco e os limites do literário: Virgilio Piñera” em duas ocasiões; no momento, tenho quatro orientandos regulares, um deles com bolsa CAPES. Sou responsável por três bolsas do PAE. Co-oriento também, em caráter extra-oficial, uma tese de doutorado em desenvolvimento na Universidade da Pensilvânia. Além disso, dois trabalhos já concluídos, igualmente sob minha orientação, foram recentemente publicados: de Maria Tereza de Souza Mendes Brites (Iniciação Científica/FAPESP), “A reflexão do inverso”; e de Sandra Regina Keppler, *Hispanamérica: Índice de los volúmenes I-XXV (1972-1996)*.<sup>17</sup> Vale mencionar que, em 1997, desempenhei a função de Coordenadora desse Programa de Pós-Graduação, que obteve, na avaliação ao período correspondente, nota cinco da CAPES.

docente  
na Pós-  
Gradua-  
ção

Concluída então a etapa que contemplava a análise crítica da obra piñeriana, dei imediatamente início à resposta à provocação do Professor Dimas. Escrever a biografia literária de Virgilio Piñera me permitiria, logo percebi, aproximar, de maneira isomórfica, o tema de seu tratamento formal. A excentricidade do estilo do autor, já verificada na Tese, seria desviada, no novo projeto, ao próprio personagem. Optei, então, não por escrever a biografia do autor cubano Virgilio Piñera, com todos os rigores impostos pelo gênero, mas privilegiar o adjetivo “literário” da proposição daquele Professor. Tomei então um personagem autobiográfico de Piñera –o Oscar da peça *Aire Frío*– e escrevi sua biografia. O estratagema permitiu-me novamente a inclusão da ficção em gênero que ela a rigor não freqüenta sem, contudo, tender ostensivamente a ela. O

à clef

<sup>17</sup> Respectivamente, *Revista USP* nº 38, jun/jul/ago/1998, pp. 94-101; e Gaithersburg, Ediciones Hispanamérica, 1998. Este último está para ser disponibilizado, na íntegra, no site da FFLCH-USP, para consulta. Outras publicações de alunos, tanto de graduação como de pós, foram motivadas por cursos que ofereci. São elas:

– KANZEPOLSKY, Adriana – “Virgilio Piñera: la generosa provocación”, in revista *Hispanamérica* nº 75, dezembro/1996, pp. 137-149;

– FUNCIA, Marcio Otavio Colussi – “A narrativa impiedosa de Virgilio Piñera”, in *Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos* 1996, pp. 255-260; e

– CURY, Eduardo – “Corretíssimas engrenagens”, in *Revista Temporaes*, ano I, nº 2, nov/ 1992, pp. 26-27.

resultado é uma *nouvelle à clef*, a ser publicada em 1999 pela mesma Editora Iluminuras, ainda sem título definitivo. *Calentura* e *Mitomanias* são títulos aventados mas ainda não completamente satisfatórios.

Compilar material para escrever a biografia de Piñera implicou não apenas revisitar textos conhecidos, retomar apontamentos tomados a partir de depoimentos de personagens que conviveram com o *Maestro*. Significou, principalmente, ir a Cuba, colher *in loco* o material necessário, trilhar seus caminhos diários, estar com sua família, seus amigos, revolver seus inéditos.<sup>18</sup> Essa aproximação permitiu-me, além disso, ter acesso a precioso material autobiográfico que, ademais de fornecer-me subsídios para a pesquisa em andamento, constituiu-se em novo tema de investigação: no momento, trato de recolher, de diversas fontes, esses inéditos, para reorganizá-los, traduzi-los e prepará-los para publicação, acompanhados de estudo crítico.<sup>19</sup> Paralelamente, estou selecionando, organizando e traduzindo contos do autor, inéditos inclusive, para compor novo volume, igualmente precedido de estudo crítico, que será publicado pela Editora Iluminuras.

La  
Habana

No início deste memorial registrei um ensaio de restituição dirigido a todos quantos asseveraram minha permanência na Universidade de São Paulo, apesar dos sérios riscos que correram. Meu engajamento institucional, afirmava, é minha forma de resposta agradecida a esses colegas. Desejo concluí-lo, portanto, destacando meu mais sério compromisso com a instituição. Como já pôde ser verificado, tenho estado sempre presente nos assuntos que gravitam em torno do Departamento de Letras Modernas. E, mais especificamente, na gestão mesma deste Departamento.

o  
compro  
-misso  
maior

Em 1995, o DLM sofreu uma das mais sérias crises de sua história recente, cujo resultado foi a renúncia da chefia, desgostosa com os desgastes que alguns docentes impuseram às relações interpessoais e

<sup>18</sup> Na realidade, a ida a Cuba (com auxílio do CNPq) deveu-se diretamente à participação no Colóquio Internacional “Barómetro de Ciclón”, promovido pela Asociación de Escritores de la Unión de Escritores y Artistas de Cuba (UNEAC), com a apresentação do trabalho “La poética silenciada de Virgilio Piñera”, em junho de 1996. O texto foi publicado em *Unión – Revista de Literatura y Arte*. Havana, ano VIII, nº 25, out/dez/1996, pp. 16-21. Saiu também sob o título “Virgilio Piñera, o magro devorador de Lezama Lima” na *Revista USP* nº 30, jun/jul/ago/1996, pp. 266-272. Na mesma ocasião, fui convidada a participar como argüidora de uma defesa de tese sobre Virgilio Piñera, na qualidade de “oponente”. Da experiência da viagem resultou uma conferência, apresentada em Washington, D.C., depois publicada na *Revista USP*, intitulada “Cuba en 1942 y en 1996: un testimonio de viaje”.

<sup>19</sup> Tal projeto foi enviado ao CNPq para fins de obtenção de bolsa de Produtividade em Pesquisa. A solicitação foi “recomendada quanto ao mérito”, mas sua implementação foi impossibilitada por “limitações orçamentárias”.

profissionais desempenhadas. Acéfalo, o departamento buscou nomes que aceitassem o desafio de reorganizá-lo, trazendo de volta condições minimamente serenas de trabalho. Realizaram-se sucessivas reuniões de trabalho, onde se estabeleceu um perfil do departamento desejável. Foi então eleita a única chapa que se apresentou, cujo programa foi debatido por toda a comunidade –docentes, alunos e funcionários– e devidamente aprovado: Profa. Dra. Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos, chefe, e eu, vice-chefe. A rigor, a função que desempenho é de chefe suplente, mas há anos o DLM é gerido por chefias conjuntas, em virtude da intensidade do trabalho verificado – daí o fato de a figura do vice ter substituído, na prática, a do suplente. Finda a primeira gestão 1995-1997, houve recondução da chefia na eleição seguinte, para o período 1997-1999, igualmente com a apresentação de chapa única.

É com tranqüilidade que afirmo que se trata de uma grande experiência profissional, já que envolve o trato direto com docentes, alunos e funcionários, em práticas tanto administrativas como acadêmicas, de caráter nacional e internacional. Nestes últimos três anos percebo que o norte de minha bússola tem-se afinado, mais e mais, em sua sintonia política.

Mas é também com desapontamento que percebo, nesse exercício, o crepitar das fogueiras das vaidades, cujos vapores obnubilam alguns dos cérebros cujo frescor deu lugar ao olor mais acre.

Bem mirado, este é o saldo de dezenove anos de percurso – a maturidade.

as  
foguei-  
ras